

Insurgências estético-políticas de dissidências sexuais e de gênero no Brasil no contexto dos levantes de 2013.

Aesthetic-political insurgencies of sexual and gender dissidence in Brazil in the context of the 2013 uprisings.

GUILHERME ALTMAYER

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) - Rio de Janeiro, R.J., Brasil

RESUMO

O presente artigo objetiva destacar pontos de uma rede sexo e gênero dissidente formada à luz dos levantes de 2013 no Brasil, com o intuito de evidenciar suas ações diretas de ocupação das ruas naquela década. Estas são compreendidas aqui como práticas estético-políticas que foram estopim para múltiplas formas de contestação política, atuando como táticas de guerrilha através de manifestações performático-artísticas em espaços públicos, ocupação de espaços institucionais e intervenções nos muros das cidades. Tais ações foram promovidas tanto por artistas quanto por não artistas, incluindo os *pink blocs*, o vídeo ativista Rafucko, a transativista Indianarae Siqueira e o artista Kleper Reis. Em conversa com as concepções de estético-política do Coletivo 28 de Maio (2017), da micropolítica de Guattari e Rolnik (2010), e da contrassexualidade de Preciado (2002), buscamos dar a ver fragmentos de histórias sistematicamente invisibilizadas, entendendo esses gestos de levante como táticas de produção de subjetividades enredadas (Altmayer, 2022).

PALAVRAS-CHAVE

dissidências sexuais e de gênero, insurgências políticas, ações estético-políticas

ABSTRACT

This article aims to highlight some of the points of a network that was formed in the light of the 2013 uprisings in Brazil, addressing sexual and gender dissidence, as well as many of its direct actions of occupying the streets. These are understood here as aesthetic-political practices that gave rise to new forms of political contestation, acting as guerrilla tactics through performative-artistic manifestations in public spaces, occupation of institutional spaces and interventions on city walls. These actions were promoted by both artists and non-artists, including the pink blocs, Rafucko, Indianarae Siqueira and Kleper Reis. We started from the conceptions of aesthetic-politics of the 28 de Maio Collective (2017), the micropolitics of Guattari and Rolnik (2010), the counter-conduct of Foucault (2008) and the counter-sexuality of Preciado (2002), seeking to rescue fragments of systematically invisible histories, understanding these gestures of uprising as tactics for producing entangled subjectivities (Altmayer, 2022).

KEYWORDS

Sex and gender dissidence, political uprisings, political-aesthetic actions

1.Introdução

É sabido que a segunda década do século XXI testemunhou um fervilhar de levantes sociais no Brasil, naquelas que ficaram conhecidas como as jornadas de junho de 2013. Largamente documentadas e analisadas (Alves, 2014; Andrés, 2023; Carlotto, 2023), estas jornadas se deram a partir de diferentes motivações e urgências tanto locais, nacionais, como internacionais e as suas reverberações nos anos que seguiram ainda provocam acalorados e controversos debates - sendo defendido por

muitos, por exemplo, como um marco para a ascensão da (adormecida) extrema direita verde e amarela no Brasil.

Ainda que seja possível identificar no período uma evidente abertura da caixa de pandora ultraconservadora, este tempo é marcado também pela intensificação de muitos levantes políticos - como os feministas, transfeministas, LGBTIA+, que ocuparam as ruas das mais diversas formas para lutar contra as ameaças do crescente conservadorismo neopentecostal, a institucionalização de sua influência política e suas tentativas e sucessos em criar políticas públicas que violentam e regulam, em diferentes medidas, os corpos das mulheres, das sapatões, das bichas, das travestis. Estas populações são constitutivas fundamentais dos levantes da década em questão, respondendo a emergências que afetam diretamente seus corpos - machismo, homolebobitansfobia, racismo - em protestos e ocupações de rua com diferentes contornos e tamanhos, como a Marcha das Vadias, o Fora Cunha, a Nova Parada LGBT, o 8M, e a Revolta da Lâmpada, entre tantos outros.

Neste contexto, o presente artigo reflete sobre a ocupação das ruas por práticas ativistas dissidentes sexuais e de gênero¹ nos anos 2010 no Rio de Janeiro, e as diversas ações estético-políticas que se deram neste período e configuraram, na nossa compreensão, novos formatos de contestação política, enquanto táticas de guerrilha, a partir de manifestações performáticas-artísticas nas ruas, na ocupação de espaços institucionais, nos muros das cidades, promovidas por artistas e não artistas (não importa).

Táticas que, ao longo da década em questão, reverberaram e se multiplicaram em frentes de luta de dissidências sexuais e de gênero em uma grande rede que entrelaçou e tensionou as ruas, instituições culturais, museus, espaços acadêmicos e movimentos políticos autônomos. Muitas pautas dissidentes abriram caminho e se colocaram na mesa, ganhando espaço em museus e exposições. Longe da pretensão de determinar as origens de um levante dissidente dessa magnitude, busco reunir no presente texto algumas das sujeitas e coletivas que compõem os nós de uma rede

¹ Faço uso do termo dissidência sexual e de gênero em consonância com o Colectivo Universitario de Disidencia Sexual do Chile, a partir do entendimento que termos como diversidade estão cooptados por lógicas de mercado neoliberais e demasiadamente institucionalizado. Assim como rejeita também o termo queer, cuja transposição norte-sul acarreta problemas de inteligibilidade. Segundo o Coletivo, dissidência permite atribuir um caráter pós-identitário a um movimento contra normativo que não se pauta por políticas identitárias. (SAN MARTIN apud COLLING, 2015).

micropolítica contranormativa com a qual estive entrelaçado, enquanto pesquisador e ativista.

Trata-se de um recorte, temporal (anos 2010) e espacial (Rio de Janeiro), que busca dar a ver a multiplicidade de frentes de ações estético-políticas que se deram naquele então, impulsionados pelos movimentos de ocupação das ruas e reativos ao crescente controle sobre seus corpos - como os protestos *pink blocs* e a organização da nova parada LGBT em Copacabana, as intervenções do Ditador Gay do mídia ativista Rafucko, as ações diretas da puta travesti Indianarae Siqueira e a viralização do projeto *Cu é Lindo* do artista Kleper Reis. ações estético-políticas que vem sendo, desde então, documentadas e relatadas no projeto *tropicuir.org*, derivado da dissertação de mestrado (Altmayer, 2016) e tese de doutorado, publicada em livro (Altmayer, 2022).

Será a partir de 2013, tendo recém mudado para o Rio de Janeiro – uma cidade em plena efervescência com as jornadas de junho –, que me sinto impelido a participar de um engajamento político sexo e gênero dissidente de forma mais intensa e direta. Abria-se ali uma tomada de consciência política que se deu a partir de trocas com a diversidade de corpos dissidentes e realidades sociais que ocupavam as ruas incessantemente, em protestos com pautas muito diversas; bem como na articulação em espaços independentes, a saber: Casa 24² e a Casa Nuvem³, espaços fundamentais para estabelecer as bases de muitas das ações aqui presentes.

Durante as dezenas de atos contra o alto preço das passagens, praticados pela máfia dos ônibus no Rio de Janeiro, demandas bradadas como ‘fora Cabral’ (governador do Rio naquele então e depois preso por corrupção) e ‘não vai ter copa’ (protesto contra a realização da copa do mundo frente a tantas emergências sociais) eram enunciadas, gritos como ‘meu corpo, minhas regras’ vinham de movimentos como a Marcha das Vadias⁴. Nessa efervescência, muitos corpos dissidentes foram se reconhecendo no meio das multidões e se agrupando.

² Ver: <https://www.facebook.com/casavintequatro/>

³ A Casa Nuvem (2012-2016) foi um espaço constituído por um coletivo autogestionado, localizado no Beco do Rato, na Lapa, no Rio de Janeiro. Um local de reunião e articulação estética e política, de práticas de artistas que gravitavam e produziam pela região trabalhando questões como ativismo criativo, movimento hacker, cicloativismo, experimentação artística e o curso preparatório para o ENEM para pessoas trans, o *PreparaNem*.

⁴ A Marcha das Vadias do Rio de Janeiro denunciava publicamente a violência sexual e de gênero - como resposta a estigmatização e opressão de meninas e mulheres cis e transexuais. Esta iniciativa, realizada em várias partes do Brasil e do Mundo, surgiu em 2011, em Toronto, Canadá, em resposta à

Agrupando, por exemplo, para contestar o preconceito embutido em certos gritos de protesto bradados nas ruas, como o que mandava o governador do Rio, Sérgio Cabral, “tomar no cu”. Cientes de que para muitos “tomar no cu” é uma delícia, e não um xingamento, nos reunimos nos protestos para ganhar força e bradar esse mesmo grito, que foi então reescrito pela transativista Indianarae Siqueira e dizia: “Ei Cabral, toma da polícia, porque tomar no cu eu te garanto é uma delícia”.

Assim, os relatos aqui reunidos partem de relações de afeto encadeadas, que não formam nenhum tipo de lógica, mas se aproximam e se tornam potentes a partir das intensidades e manifestações incontroláveis de sentido que compartilham. Dessa feita, o caminho é determinado pela intensidade dos afetos durante o percurso e por isso, mais do que reunir, trata-se aqui de apontar, levantar vestígios sobre as diferentes formas de insurgência que se deram.

Inicialmente, faz-se necessário começar pela localização do conceito de estético-política, a partir do Coletivo 28 de Maio – em seu contra manifesto *O que é uma ação estético-política?* (2017) – que propõe uma tomada de posição anticapitalista contra o mercado das artes, que tensiona os limites dos espaços e como, onde e através de quem a arte se manifesta: uma “contra-arte”. Para o Coletivo, já não importa se são artistas ou não, se algo é arte ou não, mas sim quais redes foram construídas, e quais os riscos e efeitos que são possíveis de nos afetar. Uma ação estético-política é uma prática que pode ser realizada por qualquer pessoa: é arte sem artista. É da ordem da práxis – no sentido mais radical da relação entre teoria e prática que demanda uma tomada de posição política frente às urgências de nossos tempos (28 de Maio, 2017).

Mesmo que uma ação dessa natureza tenha sido executada por um artista, isso não importará, porque o que está em jogo é o que se instaurou por intermédio da ação, “uma zona de indiscernibilidade” (28 de Maio, 2017, p. 194). Algo que não permite saber se se trata de arte ou protesto, mas da ação, da ativação, do ativismo (agir): a ativação de um campo de forças e o olhar para os efeitos que produz no campo social, e o modo que pode ser reapropriada, reproduzida. E os efeitos que produz no sistema das artes (28 de Maio, 2017). Assim, uma ação estético-política:

declaração de um policial que orientou as estudantes de um campus universitário a não se vestirem como vadias (sluts) para não serem estupradas, o que foi interpretado por elas como a dupla culpabilização da vítima, e isenção do agressor.

“incide e embaralha a partilha do sensível vigente dando ensejo ao que denominamos um dispositivo de subjetivação artista. Isto é, à possibilidade de invenção e experimentação de outros modos de vida” (28 de Maio, 2017, p. 195).

Dessa forma, as sujeitas e ações estético-políticas aqui relatadas conformam uma rede dissidente que, ainda que se aproximem temporal (anos 2010) e espacialmente (cidade do Rio de Janeiro), são diversas na forma e nos meios pelos quais, através de suas táticas de contestação, de inserção e contaminação do campo da arte, questionam a cisheteronormatividade⁵, binarismos de gênero e a vigilância repressiva e violenta exercida sobre corpos dissidentes no Brasil. Cada nó dessa rede constitui o que entendemos por ações micropolíticas (Guattari, 1981) de dissidências sexuais e de gênero.

Para Guattari (1981), ações micropolíticas não buscam uma nova receita psicológica, mas ganham sentido a partir de sua relação com um grande rizoma de revoluções moleculares, proliferando assim, a partir de uma multidão de vozes, de devires mutantes: devir mulher, devir bicha, devir sapatão, devir travesti, devir animal, devir indivisível – como novas maneiras de inventar sensibilidades e inteligências da existência, novas relações de afeto (Guattari, 1981).

Segundo o filósofo, “toda problemática micropolítica consistiria em tentar agenciar os processos de singularização no próprio nível de onde eles emergem” (Guattari, 2010, p. 152), buscando preservar sua autonomia e apropriação pelas máquinas de produção de subjetivação capitalistas. O autor deixa evidente a diferença entre o que configura uma ação micropolítica e o que não configura: “a questão micropolítica é a de como reproduzimos (ou não) os modos de subjetivação dominantes” (Guattari, 2010, p.155). Já Paul Preciado fala de ações micropolíticas dissidentes sexuais e de gênero como sendo opostas a um modelo tradicional de política como guerra, e que se configuram em políticas manifestadas através das relações, trocas de afeto, do ferver, da autoexperimentação e no prazer (Preciado, 2009).

⁵ O termo cisheteronormativo se refere a um conjunto de práticas e dispositivos legais, médicos e sociais que trabalham para que os comportamentos sejam ditados por normas dominantes a partir da noção de heterossexualidade. A própria homossexualidade seria uma definição criada a partir desse conjunto de normas para designar os indivíduos considerados anormais e desencaixados. Ser uma pessoa cisgênero significa que eu me identifico com o gênero que me foi atribuído ao nascer. Muitas outras pessoas não se sentem confortáveis com o gênero que lhes foram designados e são classificadas como transgêneros.

Partimos da ideia de que todo corpo é político. Ações estético-políticas que se manifestam através do corpo, podem atuar na resignificação de comportamentos, em novas subjetivações que levam a geração de saberes contranormativos do corpo como estratégia de defesa e resistência aos dispositivos de controle que atravessam nossos corpos. Giorgio Agamben (2008), no trabalho *Art, Inactivity, Politics*, entende a arte como sendo um instrumento inerentemente político, porque diz ser “uma atividade que torna inativos, e contempla, os hábitos sensoriais e os hábitos gestuais dos seres humanos, e, ao fazê-lo, os abre para um novo uso potencial” (Agamben, 2008, p. 204).

Ora, se do poder que é exercido em nosso corpo, diz Michel Foucault, "emerge inevitavelmente a reivindicação do próprio corpo contra este poder" (Foucault, 1993, p.146), podemos entender o corpo como potência para a produção de distorções em códigos de significação dominantes para então, de um ponto de vista estético-político, produzir a antiestética, estéticas negativas, feísmos ou estéticas camp, de glamurização do lixo, estéticas que invertem o valor entre cópia e original (Preciado, 2010). Nesta mesma linha, Michel Foucault propõe a exploração de práticas alternativas de saber através do próprio corpo como gerador de novos fluxos, afetos, amizades, alianças (Foucault, 2004).

A partir da ideia de criação de novas formas de vida propostas por Foucault, Paul Preciado defende a contrasexualidade como uma forma eficaz de resistência à produção disciplinante das sexualidades em sociedades permissivas e falsamente tolerantes; não se trata de uma luta contra a proibição, mas sim a partir da contra produtividade, ou seja, a produção de formas de prazer e saber alternativas às sexualidades modernas ocidentais (Preciado, 2002).

Com esta breve localização conceitual, teórica e tática, seguimos finalmente para dar a ver algumas das ações estético-políticas dissidentes sexuais e de gênero que conformam esta rede, e evidenciam como, nos anos da década de 2010 no Brasil, se deu a intensificação, e tensionamento do que talvez possamos chamar de um movimento estético-político insurgente de corpos dissidentes sexuais e de gênero - nas ruas, espaços culturais, museus e acadêmicos. Um movimento repleto de tensões e ‘tretas’, mas que entendemos ter colaborado no avanço de diversas pautas e visibilidades. Como afirma a pesquisadora Tertuliana Lustosa, em seu *Manifesto Traveco-Terrorista* "enquanto o queer desfaz gênero na teoria, a travesti desfaz gênero na prática. O traveco-terrorismo é capaz de ir despedaçando,

progressivamente, os estereótipos homem/mulher, homo/hétero, natural/artificial" (Lustosa, 2016, p. 295).

2. Só tem bicha nessa cidade

A expressão "Só tem bicha nessa cidade" viralizou em 2014 e deu origem a inúmeros memes na internet e cartazes em protestos, impulsionados pelo artista e vídeo-ativista carioca Rafucko. Internautas de diversos estados do Brasil editaram imagens panorâmicas de suas cidades, imprimindo a frase em letras garrafais. De acordo com uma nota publicada no jornal O Globo, a frase foi proferida por um cliente de uma lanchonete no Largo do Machado, no Rio de Janeiro, que se recusou a ser atendido por uma pessoa trans. Ao chamar o gerente, que também era gay, o cliente foi acusado de homofobia. Em seguida, decidiu chamar a polícia, cujo policial também era gay. O homem foi autuado por desacato à autoridade e crime de homofobia.

Essa foi uma das muitas táticas desenvolvidas por Rafucko desde 2013, que combinavam ciberativismo e performance, principalmente através do seu personagem Ditador Gay. A partir desse personagem, o artista constrói novos imaginários sociais e políticos, invertendo discursos de linguagem. Rafucko explora o potencial de canais de comunicação de massa de acesso direto para promover novas formas eletrônicas de ativismo por meio das mídias sociais.



Figura 1. Rafucko no personagem ditador gay a frente de seu exército - a Polícia Militar que acompanhava a Marcha das Vadias de 2013. Foto: Agência Brasil

O personagem Ditador Gay surge como resposta a levantes conservadores que defendiam a implementação de práticas de "cura gay" na psicologia. Em 2012, o pastor evangélico pentecostal Silas Malafaia, ligado à Igreja Assembleia de Deus, acusou grupos militantes LGBT de tentativas de censura ao seu programa televangelista "Vitória em Cristo" e de ameaças de cassação de seu direito de exercer a função de psicólogo, o que ele considerava uma "ditadura gay". O pastor é conhecido por proferir sermões que, indiretamente, incitam o ódio aos dissidentes sexuais, tratando-os como inimigos a serem combatidos em defesa da manutenção da família "tradicional". Com seu personagem Ditador Gay, Rafucko expõe a falsa tolerância presente em discursos e práticas do cotidiano, estabelecendo novas relações de poder ao questionar a validade dos poderes estabelecidos e as liberdades concedidas (Altmayer, 2016).

Nos anos 1970, na Itália, o pensador e cineasta italiano Pier Paolo Pasolini (1990) dedicou parte de seus escritos para denunciar um estado de falsa tolerância, ou tolerância parcial, de uma sociedade que entrava de forma abrupta e acrítica em um modelo de sociedade de consumo, e os impactos deste movimento nos corpos e comportamentos sexuais. Uma sociedade submetida a forçosas mudanças discursivas, a uma "abertura sexual", minimamente flexível com relação a regras mais livres de comportamento de consumo dentro do modelo de família heterossexual. Este processo de abertura não se refletia necessariamente em profundas mudanças culturais, gerando, portanto, um estado de falsa tolerância, principalmente entre as classes mais baixas com relação a questões tabu como a existência de dissidências sexuais e de gênero.

O escritor italiano atribui este estado de tolerância seletiva a regras de consumo ditadas pelo mercado, que precisariam de uma flexibilidade apenas formal nas formas de existir para que os membros da sociedade se tornassem dóceis consumidores, que atravessa corpos uniformizados pelas dinâmicas de consumo e se faz presente em todos os indivíduos, que se tornam, eles mesmos, máquinas propagadoras destas afirmações (Pasolini, 1990). "Eles podem até se beijar, mas que não seja na minha frente", é uma das falas do vídeo Versões⁶, de Rafucko, que

⁶ Ver <https://www.youtube.com/watch?v=H5IINK8Zi7s>

denuncia este regime de falsa tolerância com relação às dissidências. (Versões – Preconceito, 2008).

Em agosto de 2013, Rafucko executou uma nova ação estético-política. O artista foi convidado para participar da plateia do programa "Na Moral", comandado pelo jornalista Pedro Bial na Rede Globo, para assistir a um debate sobre a relação entre religião e política. Entre os entrevistados estavam um ateu, um babalorixá, um padre católico e o próprio pastor Silas Malafaia. Ao perceber que não teria chance de participar da discussão, o artista decidiu vestir sua farda de Ditador Gay e conseguiu um lugar na plateia, posicionando-se atrás do pastor Silas Malafaia. Durante vários momentos do programa, o Ditador Gay apareceu no vídeo reagindo às colocações do pastor. Com Rafucko e outras bichas formamos o *pink bloc*, naquele mesmo ano, para levar pautas urgentes para a parada do orgulho Rio de Janeiro e além, como veremos em seguida.

3. Tática *pink bloc*

Pink bloc foi um pequeno grupo descentralizado, reunido de forma efêmera para articular ocupações em protestos e paradas do orgulho. Assim como os black blocs, os *pink blocs* escondiam seus rostos utilizando máscaras improvisadas feitas com camisetas, visando tanto o anonimato quanto a proteção contra ataques de gás lacrimogêneo e pimenta por parte da polícia. A tática *pink bloc*⁷ não é uma criação nossa, nem tampouco brasileira. O movimento surgiu no ano 2000, na cidade de Praga, durante uma cúpula anticapitalista contra o domínio do FMI e do Banco Mundial sobre os territórios mais vulneráveis. Lá, bichas, sapatões e feministas se juntaram aos black blocs para criticar o sistema financeiro, propondo ações feministas queer para os protestos e a máxima “se não puder dançar, não é minha revolução”, cuja frase é da militante Emma Goldman (1869 – 1940). No Brasil, a breve atuação do *pink bloc* se dá como reação ao crescente conservadorismo pentecostal e sua influência na política como veremos (Altmayer, 2016).

Em 2013, o pastor evangélico e deputado federal Marco Feliciano, que prega a legalização da cura gay na psicologia, havia sido eleito, a portas fechadas, para a presidência da comissão parlamentar de direitos humanos da Câmara dos

⁷ Ver: http://www.lespantheresroses.org/textes/pinkblock_english.htm

Deputados⁸. A urgência de protestar contra este e outros levantes conservadores neopentecostais motivou os *pink blocs* a formarem um pequeno, porém ruidoso, grupo. Esse grupo foi criado com o intuito de denunciar tais questões durante a Parada do Orgulho LGBT oficial do Rio de Janeiro, realizada em outubro daquele ano.



Figura 2. Membros do pink bloc na capa do jornal O Estado de São Paulo, edição de 14 de outubro de 2013, no dia seguinte à parada LGBT de Copacabana, no Rio de Janeiro. Fonte: Jornal O Estado de São Paulo.

Aproveitando a repercussão midiática da atuação dos black blocs, que desempenharam um papel proeminente e confrontador na linha de frente dos levantes de 2013 e foram duramente criticados pela grande mídia, dois integrantes do *pink bloc*, durante a Parada do Orgulho LGBT, decidiram se beijar ao perceberem a proximidade da imprensa que cobria o evento. Apesar de estarem usando máscaras *pink bloc*, o gesto chamou a atenção de um dos fotógrafos presentes, que registrou a cena. No dia seguinte, a imagem do beijo *pink bloc* foi publicada na capa do jornal O Estado de São Paulo. Esta ação estético-política, ao responder a um contexto propício, resultou na impressão de um beijo gay, talvez o primeiro, na capa de um jornal impresso de circulação nacional. Um beijo velado pelas máscaras (Altmayer, 2016).

⁸ Ver <https://www.camara.leg.br/noticias/424385-COMISSAO-DE-DIREITOS-HUMANOS-GEROU-POLEMICA-E-FOI-ALVO-DE-PROTESTOS-EM-2013>

As articulações dos *pink blocs* resultaram em diversas outras mobilizações políticas que culminaram, no ano seguinte, na organização coletiva da Nova Parada LGBT, realizada em outubro de 2014. Essa manifestação, apesar de não contar com apoio institucional ou verbas públicas, reuniu centenas de pessoas na orla da praia de Copacabana, no Rio de Janeiro. Os participantes marcharam em protesto contra o cancelamento da tradicional Parada LGBT de Copacabana daquele ano, supostamente devido à falta de verbas públicas e de forma propositiva ocupar a rua com pautas urgentes para as populações dissidentes.



Figura 3. Leitura da carta de demandas das dissidências para os candidatos à presidência Dilma Rousseff e Aécio Neves em 2014. Fonte: <https://ihateflash.net/set/nova-parada-lgbt-do-rj> | Hate Flash / Derek Mangabeira

Ao longo da parada-protesto uma série de ações foram promovidas: o ditador gay Rafucko soltou bombas de glitter de 'cura gay' no rosto do público presente; aconteceram desfiles de voguing no asfalto ao longo do percurso, inspirado nos bailes vogue da Nova Iorque dos anos 1980. Sambou-se na cara (em máscaras de papel com os rostos impressos) do pastor homofóbico Silas Malafaia e do então candidato a presidente Levy Fidelix - que fez declarações abertamente homofóbicas veiculadas em um dos debates eleitorais da televisão. No início do ato, foi realizada também a leitura de uma carta de demandas das dissidências sexuais e de gênero, escrita

coletivamente e com o apoio de diversas organizações, para personagens que personificaram Dilma Rousseff e Aécio Neves, então candidatos à presidência da república no segundo turno das eleições.



Figura 4. Nova Parada LGBT que aconteceu na praia de Copacabana no dia 12 de outubro de 2014. Fonte: I Hate Flash / Derek Mangabeira

Após a nova parada, o grupo *pink bloc* se desfez aos poucos, porém suas ações germinam outros movimentos, como “A Revolta da Lâmpada” em São Paulo, coletivo surgido para reagir a violência homofóbica sofrida por um casal gay na Avenida Paulista, agredidos fisicamente com o uso de lâmpadas fluorescentes (Grunvald, 2019).

4. CU É LINDO

Seguimos nosso percurso não linear de ocupação das ruas, agora direcionando-nos para a exaltação pública de uma parte do corpo tradicionalmente mantida em privado, o cu. “Cu é Lindo” é uma proposta do artista e ativista Kleper Reis, que transita entre a arte da performance, inscrições rupestres e processos de cura, exaltando as potencialidades do cu como órgão reprodutor de diversidade, de união dos opostos na diferença e como gerador de novas formas de vida e existência. Ao enaltecer suas qualidades por meio da estrofe “cu é lindo”, extraída de um poema de Adélia Prado, Kleper chama a atenção para a necessidade de ressignificação

desse órgão, historicamente privatizado e privado de outros usos potenciais. Suas intervenções incluem a ação estético-política do pixo "Cu é Lindo" (Altmayer, 2016).

O artista, que participou do movimento Ocupa Rio⁹ na Cinelândia, em 2012, inscreveu em uma superfície da praça a frase CU É LINDO. A partir de então, o artista realizou intervenções em diversas outras superfícies do espaço urbano do Rio de Janeiro. Contudo, em determinado momento, a ação escapou das mãos do próprio. De maneira silenciosa, a frase começou a ser reproduzida por outras pessoas, tanto de outros estados quanto de países estrangeiros. Kleper relata que passou a receber numerosas imagens de pessoas ao redor do mundo, muitas delas posando ao lado das pichações. Essas interações culminaram na formação de uma rede de colaboradores, resultado dos contatos originados por esses registros imagéticos. Cu é lindo havia ganhado o mundo.



Figura 5. Exemplo de um dos pixos CU É LINDO. Foto: Kleper Reis

À luz do trabalho de Kleper, Paul Preciado (2009), em seu texto *Terror Anal*, posfácio da edição espanhola do livro *Desejo Homossexual* de Guy Hocquenghem, discute o ânus como um gerador de conhecimento que se distancia da culpabilidade e da vergonha. Preciado argumenta que esta parte do corpo não busca legitimar-se

⁹ Inspirado na primavera árabe iniciada na Tunísia e nos movimentos 15M em Madrid e Occupy Wall Street em Nova Iorque, o movimento Ocupa Rio aconteceu nos últimos três meses de 2011 a partir de uma convocação global que aconteceu em meados de outubro, quando mais de mil praças foram ocupadas em mais de 90 países. Centenas de pessoas ocuparam a praça e habitaram o local com suas barracas e estruturas precárias, para discutir novas formas de convívio e existência coletiva da cidade. Um movimento sem líderes, que não levantava bandeiras específicas, nem era pautado em questões fechadas e objetivas. Um encontro de diferenças onde as decisões tomadas eram tensas.

nem descrever uma patologia, mas sim funcionar como um instrumento de crítica política e transformação social. Neste sentido, o artista propõe a reintegração desta zona do corpo na economia libidinal, sugerindo um novo desenho sexopolítico a partir de uma área historicamente privada (Preciado, 2009).

O filósofo propõe tratar o ânus como um portal de entrada do que é socialmente feminino, para contaminar o corpo masculino heterossexual, colocando-o em pé de igualdade com qualquer outro corpo. Para ele, isso dissolveria a oposição entre hétero e homossexual, entre ativos e passivos, penetradores e penetrados, deslocando a sexualidade a partir da ideia de que o pênis penetra o ânus receptor, e borrando as linhas que segregam gênero, sexo e sexualidades (Preciado, 2009).

Preciado argumenta que o ânus representa um ponto zero para iniciar um processo de desterritorialização do corpo heterossexual, que visa abolir a concepção restrita da penetração entre pênis e vagina: “perante a máquina heterossexual se ativa a máquina anal, a conexão não hierárquica dos órgãos, a redistribuição pública do prazer e a coletivização do cu como um comunista sexual” (Preciado, 2009, p.171). CU É LINDO reclama a democratização dos usos do ânus. Em sua ação estético-política de exaltação do ânus, Kleper não deseja apenas a libertação do seu próprio, mas sim a libertação de todos os cus.

5. Pessoa normal de peito e pau

É com Indianarae, uma pessoa transvestigênera (autodefinição por ela cunhada), que concluímos o presente texto. Por muito tempo Indianarae se autoproclamou pessoa normal de peito e pau. Sua ação estético-política é simples: expor seus seios em lugares públicos para provocar uma resposta das autoridades legais, visando ser presa com o propósito de ser posteriormente julgada. O objetivo é abalar as bases e normas que influenciam as regras jurídicas, especialmente aquelas que consideram homens e mulheres como iguais perante a lei. Em mais de cinco ocasiões em que executou essa ação, Indianarae foi detida pela polícia, fichada e posteriormente liberada, pois seu documento de identidade apresentava seu nome masculino - sob a alegação de que "homens" com os peitos expostos não violam o pudor.

Indianarae buscou evidenciar a existência de desigualdades no tratamento entre homens e mulheres, e colocar à prova as normas que definem, perante a justiça,

o que configura uma mulher ou um homem. “Um tribunal não pode reconhecer claramente que a justiça discrimina o gênero feminino. Então eles entram nesta sinuca de bico”, diz ela (Altmayer, 2016). Sua intenção, com a ação, é se colocar fora do plano de inteligibilidade das definições usuais de gênero, se distanciando criticamente das normas e articulando um lugar próprio, ou um não lugar, a partir de um estado de indefinição (Butler, 2022).



Figura 6. Indianara na rua Nossa Senhora de Copacabana durante a Marcha das Vadias de 2012. Foto: Autoria desconhecida.

Em sua ação, Indianarae coloca em xeque as injustiças quanto ao tratamento desigual dado às identidades binárias de gênero e também às pessoas que transitam por este binarismo. É na contrassexualidade (Preciado, 2002), que Indianarae busca evidenciar espaços errôneos, falhas na estrutura e reforçando o poder do desvio, da deriva frente a um sistema heterocentrado. A descrição de Indianara sobre os efeitos pretendidos com a ação estético-política evidencia o nó que cria na justiça e o quanto é desigual:

Se eles me condenassem, na realidade eles estariam me reconhecendo como pessoa trans. Estariam reconhecendo que meus documentos não são válidos. Estariam abrindo um precedente para que todas as pessoas trans fossem respeitadas por sua identidade de gênero e não pelo gênero, pelo sexo declarado nos documentos. Mas ao mesmo tempo eu estaria sendo condenada enquanto feminina, enquanto mulher. Então eles estariam dizendo claramente que homens e mulheres não são iguais perante a lei. Que os homens teriam um direito e as mulheres não. Então me condenariam como

mulher e abririam um precedente para as pessoas trans. Se eles me absolvessem, eles estariam dizendo que, sim, legalmente sou um homem e então tenho direito. Mas outra vez seria absolvida enquanto homem. Se fosse mulher seria condenada. Então outra vez eles estariam abrindo um precedente que homens e mulheres não são iguais perante a lei. A justiça não quer reconhecer que no Brasil exista esta diferença. Não abrindo um precedente eles voltam também a reconhecer que homens e mulheres não são iguais perante a lei (Altmayer, 2016 p. 37).

As provocações promovidas por Indianarae têm um objetivo bastante evidente, o de revelar como as instituições e dispositivos diferenciam comportamentos e liberdades concedidas a partir dos binômios de gênero homem/mulher. Além também de evidenciar como muitas pessoas que não se encaixam, não se identificam com este binômio de gênero permanecem invisíveis frente a direitos legais, sociais e médicos. Neste sentido, Judith Butler (2004), em *Desfazendo Gênero*, defende que os aparatos ou dispositivos que constroem as normas binárias de gênero podem ser os mesmos a trabalhar para desfazer estas definições dada a incompletude e fragilidade das suas construções. Esta parece ser a intenção de Indianarae.

6. Considerações finais

Procurei, através das distintas ações estético-políticas aqui brevemente lembradas, fornecer algumas pistas sobre uma rede que se conformou a partir dos levantes de 2013, na década de 2010, e cujas ações provocaram e seguem provocando tensão (e tesão) entre as ruas, instituições culturais independentes, museus e a academia. Muitos outros corpos e coletivos contemporâneos também fizeram parte da história dos levantes dissidentes sexuais e de gênero, com ações estético-políticas que aportaram novas formas de fazer política no Rio de Janeiro e para além, como por exemplo o Coletivo Coiote, o Pagufunk, o coletivo Xica Manicongo.

Tratamos aqui de apresentar pontos de um mapa incompleto, ausente de muitas vozes, e que, frente as precárias ou inexistentes políticas de memória sexo e gênero, carece de inscrição na história dos levantes de 2013 e para além. Esses levantes tiveram consequências tão diversas quanto controversas. No que tange as dissidências é inegável uma maior politização dos corpos (afrontosos perante conservadorismo extremo bolsonarista) e a multiplicação das frentes de ação, ao mesmo tempo que muitas das pautas foram cooptadas pelas lógicas de mercado, pelo sistema das artes, e incorporadas as dinâmicas do pink money.

Referências

28 DE MAIO, Coletivo. **O que é uma ação estético-política?**. Revista Vazantes, UFC vol. 1, n.1., 2017. Disponível em <<http://periodicos.ufc.br/vazantes/article/view/20463>> Acesso em 15 jan. 2024.

AGAMBEN, Giorgio. **Art, Inactivity, Politics**. In: BACKSTEIN, Joseph; BIRNBAUM, Daniel; WALLENSTEIN, Sven-Olov (editors). *Thinking words: The Moscow Conference on philosophy, politics and art*. Berlin: Sternberg Press, 2008.

ALTMAYER, Guilherme. **Tropicuir. (Re)existências políticas nas ações performáticas de corpos transviados no Rio de Janeiro**. Dissertação de mestrado, Departamento de Artes e Design, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/27275/27275.PDF>> Acesso em 10 jan. 2024.

ALTMAYER, Guilherme. **Tropicuir: estético-políticas transviadas - memória, arquivo, design**. Rio de Janeiro : Ed. PUC-Rio: Numa Editora, 2022.

ALVES, Amanda (org.). **Não é por centavos: um retrato das manifestações no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Liga, 2014.

ANDRÉS, Roberto. **A razão dos centavos: Crise urbana, vida democrática e as revoltas de 2013**. São Paulo: Zahar, 2023.

BUTLER, Judith. *Desfazendo gênero*. São Paulo: UNESP, 2022.

CARLOTTO, Maria; ALTMAN, Breno (org.). Junho 2013, **A Rebelião Fantasma**. São Paulo: Boitempo, 2013

COLLING, Leandro. **Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer**. Salvador: Edufba, 2015c.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 11^a ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FOUCAULT, Michel. **Por uma vida não fascista**. Coletivo Sabotagem, 2004.

GRUNVALD, Vi. **Lâmpadas, corpos e cidades: reflexões acadêmico-ativistas sobre arte, dissidência e a ocupação do espaço público**. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, ano 25, n. 55, p. 263-290, set./dez. 2019. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ha/a/T4F7sC3FS8ZcjFVLGBJsMNH/?lang=pt>> Acesso em: 20 jun. 2024.

GUATTARI, Felix. **Revolução Molecular: pulsações Políticas do Desejo**. São Paulo; Brasiliense. 1981.

GUATTARI, Félix, ROLNIK, Suely. **Micropolíticas – cartografias do desejo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

LUSTOSA, Tertuliana. **Manifesto Traveco-Terrorista**. Revista Concinnitas, [S. l.], v. 1, n. 28, p. 384–409, 2016. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/25929>>. Acesso em: 15 fev. 2024.

PASOLINI, Pier Paolo. **As últimas palavras do herege. Entrevistas com Jean Duflot.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

PASOLINI, Pier Paolo . **Os jovens infelizes. Antologia de ensaios corsários.** (org. Michel Lahud), São Paulo: Brasiliense,1990.

PRECIADO, Paul. B. **Terror anal: apuntes sobre los primeiros días de la revolución sexual.** In: HOCQUENGHEM, Guy. El deseo homosexual. Madrid: Melusina, 2009, p. 135-172.

PRECIADO, Paul B. **Manifiesto Contra-sexual.** Madrid: Editorial Opera Prima, 2002.

VERSÕES PRECONCEITO. Vídeo. 06m01s. Publicado pelo canal Rafucko. 10 mar. 2008. Disponível em: <https://youtu.be/H5lINk8Zi7s?feature=shared>. Acesso em: 29 jun. 2024.

Sobre o autor

Guilherme Altmayer é pesquisador, curador, ativista e professor adjunto da Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro ESDI/UERJ. Mestre e doutor em design pela PUC-Rio. Pós-graduado em sócio-psicologia pela FESP-SP. Membro da Red Conceptualismos del Sur. Coordena o grupo de pesquisa CNPq NUDE: Núcleo de Design, Corpo e Tecnopolítica.

galtmayer@esdi.uerj.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8035916391840120>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4789-7949>

Recebido em: 29-06-2024

Como citar

ALTMAYER, Guilherme. Insurgências estético-políticas de dissidências sexuais e de gênero no Brasil no contexto dos levantes de 2013. Revista Estado da Arte, Uberlândia, v. 5 n. 2, *n.p.*. jul. – dez. 2024. <https://doi.org/10.14393/EdA-v5-n2-2024-74156> [versão ahead of print]



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.